



Revista Digital do LAV

E-ISSN: 1983-7348

revistadigitaldolav@ufsm.br

Universidade Federal de Santa Maria
Brasil

Fortes de Oliveira, Valeska

Isso aqui está virando brasil...Cinema e produções audiovisuais no espaço da formação
de professores

Revista Digital do LAV, vol. 10, núm. 2, mayo-agosto, 2017, pp. 92-106

Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337052479007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Isso aqui está virando brasil...

Cinema e produções audiovisuais no espaço da formação de professores

*There is turning brazil ... cinema and audiovisual productions in the space of
teacher training*

Valeska Fortes de Oliveiraⁱ

Universidade Federal de Santa Maria

À Beatriz

Na esperança de um país e uma escola democrática

Resumo

No presente texto, trazemos a discussão sobre o potencial do cinema na escola e na formação de professores. Pela dimensão estética a linguagem cinematográfica é uma experiência de arte no espaço educacional, ainda, ampliada na concepção de que o cinema entra na educação como criação, como produção. Nessa perspectiva, apresentamos uma experiência realizada no âmbito da formação inicial de professores (as) no curso de Pedagogia diurno da Universidade Federal de Santa Maria, onde a proposição é o desenvolvimento da observação e registro do cotidiano da cidade e da escola como espaços de desaprendizagem e aprendizagem de outras formas de sentir e viver. Aprender a gramática cinematográfica apresentou-se junto com outro desafio – documentar os movimentos de ocupações nas escolas públicas e no espaço universitário.

Palavras-Chave: Cinema, Produção Audiovisual, Formação Ética, Estética-Política, Escolas Ocupadas.

Abstract

In the present text, we bring the discussion on the potential of cinema at school and in teachers' training. Seen in its aesthetic dimension, the cinematographic language is an experience of art in the educational space, amplified in the conception that the cinema enters education as creation, as production. From this perspective, we report an experience carried out in the context of teachers' initial education in the daytime Pedagogy Major at Federal University of Santa Maria, where the proposal is the development of observation and recording of the daily life of the city and school as spaces of unlearning and learning other ways of feeling and living. Learning cinematographic grammar came along with another challenge – documenting the occupation movements of public schools and the university space.

Keywords: Cinema, Audiovisual Production, Ethical Training, Aesthetic Policy, Occupied Schools.

O encontro da escola com a arte do cinema

Do que percebemos em outra vertente de pensar, mas pela perspectiva complexa do distanciamento da linearidade, Bergala (2007) propõe em seu livro que o encontro da escola com a arte do cinema é o encontro com a alteridade; do acontecido após o inusitado, do que rompe com o didatizado e técnico restrito a uma metodologia, contrariando a lógica, naturalmente se deslocando ao novo, as novas ideias ao novo ruído, as novas imagens. No caminho inverso ao processo curricular linear, o cinema pode ser caminho vetorizado em muitas trilhas no sentido de explorar a expressividade, a criatividade, as emoções, o campo das ideias, do conhecimento em uma experiência estética para professores e alunos.

O imaginário deste viver cinema pode ser algo muito querido e esperado, significativo aos que fazem parte dele. Viver pedagogicamente outros saberes e outros fazeres, viver a perspectiva da ordem e da desordem.

Para além do consumo, Bergala pensa no cinema da criação, do cognitivo como arte e revela seu interesse especial em proporcioná-lo a crianças, adolescentes e jovens que convivem com as forças do mercado cinematográfico e que por via de vezes não poderiam conhecê-lo além-fronteiras da escola.

Entendemos que uma atitude da escola pode ser permitir, em se tratando de provocação à arte, a vivência de cinema, que essa cultura artística se construa no encontro com a alteridade, que o choque e o enigma que ele representa, em relação às imagens, a estética, à linguagem e aos sons são de fato formadores. Esta formação realizada pela arte, pelos professores e pelos alunos.

... o cinema tem uma linguagem que incorpora o onírico, que permite multiplicar as possibilidades de contá-los, alterá-los até quase atingir sua realização. O "quase" garante que continuem a ser sonhos sobre nossas ações acordadas. (FRESQUET, 2011, p. 92)

Portanto, assim com Fresquet (2013) pensamos que o navegar fluído do humano seja ele o professor, o aluno, o formador ou o formado, quando se encontra com o cinema seja o próprio exercício da riqueza imaginativa. Basta ter uma câmera na mão e uma provocação para professores e seus alunos que o limite do pensar surge como um sol de novo dia.

O Cinema na educação: uma compreensão estética

Pensar o cinema não apenas como ato pedagógico, mas legitimar seu lugar como ato criativo e estético é o principal papel dos espaços escolares. Conforme salienta Bergala

(2007), significa pensar os filmes como um gesto de criação, não como objeto de leitura decodificada, mas cada plano como uma pincelada de um pintor, como se pudesse compreender seu processo de criação. Entretanto, para visualizar o cinema dessa maneira, é necessário vê-lo como arte na escola.

Com essa visão, Bergala (2007) pretende deslocar o foco da leitura analítica e crítica dos filmes para uma leitura criativa, que estabeleça uma relação entre espectador e autor dos filmes, e que o leve a acompanhar, em sua imaginação, as emoções do processo criativo. Nessa perspectiva, o cinema passa a ser visto como arte no âmbito escolar, porque ultrapassa a ideia do puro e simples ato pedagógico, pelo qual apenas pretende-se atingir determinado objetivo com os filmes, ou que esses devem estar estritamente interligados aos conteúdos de ensino. Ao contrário, pensar o cinema como arte na escola significa legitimar seu espaço como criação, invenção, imaginação e experiência estética. Entretanto, para que o cinema seja visto e, de fato, abordado dessa forma, é necessário, como recomenda Bergala (2007), propiciar um clima de autonomia, por parte de quem aprende, modificando a “explicação” pela “exposição” de muitos e bons filmes, procurando estabelecer uma cultura cinematográfica. E, para que esse processo ocorra, será imprescindível a mediação educativa que auxiliará a articulação, comparando trechos de filme para aguçar a observação das sutilezas.

Sob essa perspectiva, pode-se refletir que o cinema na escola proporciona outras formas de ser e estar em aula, pois descentraliza o papel do professor, como protagonista do processo de aprendizagem. Dessa maneira, ultrapassa-se a ideia de massificação de conteúdos dados, pois, como assegura Fresquet (2013), todos se colocam na mesma condição e direção. Ao assistirem um filme, não há uma relação que coloque os corpos de frente uns para os outros, espelhando o enfrentamento de quem sabe e de quem não sabe. Fresquet (2013) enfatiza que

Os possíveis vínculos entre o cinema e a educação se multiplicam a cada momento, a cada nova iniciativa ou projeto que os coloca em diálogo. Fundamentalmente, trata-se de um gesto de criação que promove novas relações entre as coisas, pessoas, lugares e épocas. De fato, o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante do espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto. (FRESQUET, 2013, p.19)

Assim, pensar o cinema como arte na escola requer espaços de criação, de percepção de sons, imagens, luzes, planos, montagens, composições, bem como as impressões e

sentimentos que afloram nesses espaços. Isso é o que assegura Bergala (2007) em seu livro *A Hipótese-Cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. A aproximação do cinema na escola é uma oportunidade para vê-lo como um bom objeto, mas, para que seja visto dessa forma, deve ser concebido antes como arte, para não preconizar o estudo de filmes em aula, com o famoso pretexto de desenvolver o senso crítico. Deste modo, com base nas afirmações dos autores citados, viabilizar o cinema como arte na escola necessita primeiramente romper com a concepção do “pedagogismo”, ou seja, assistir filmes com caráter apenas pedagógico e moralizador.

O cinema na educação como uma experiência imaginaria

A inter-relação do imaginário social com o cinema na educação atual consolida-se como abertura para a área de formação de professores, pois auxilia o processo de compreensão do território simbólico que permeia o sistema educacional. Sobre essa questão, Teves (1992) diz que conhecer uma realidade significa reconhecê-la como historicamente determinada, constituída por um sujeito que representa e simboliza essa realidade, sob a forma de percepção, intuição e sensações.

Castoriadis, (2004), por sua vez, salienta que

Uma vez criada, tanto as significações imaginárias sócias quanto as instituições se cristalizam ou se solidificam, e é isso que chamo de imaginário social instituído, o qual assegura a continuidade da sociedade, a reprodução e a repetição das mesmas formas que a partir daí regulam a vida dos homens e que permanecem o tempo necessário para que uma mudança histórica lenta ou uma nova criação maciça venha transformá-la ou substituí-la por outra (CASTORIADIS, 2004, p.130).

Na formação de professores, as significações sociais imaginárias também são instituídas por uma sociedade que reproduz as formas de aprender e ensinar. No entanto, pela linguagem da arte, do cinema, do mito e da literatura é possível adentrar no universo simbólico, porque são formas simbólicas que se interligam entre o indivíduo e seu contexto social, assegurando o desenvolvimento da imaginação, que permite a possibilidade de sonhar e movimentar o pensamento com aquilo que ainda não existe.

Desse modo, Castoriadis (1982), define o imaginário instituinte, como imaginação, sonhos, aspirações e caracteriza a capacidade humana de poder criar, inventar e instituir novas formas e instituições sociais. Por isso, correlacionaram-se as ideias do autor com o cinema, a partir do imaginário social instituinte, ou seja, para provocar o novo, a criação a ruptura com a realidade já instituída. Com a linguagem cinematográfica, é possível

oportunizar o imaginário instituinte no espaço escolar e até questionar os valores dessa escola instituída.

Vê-se, assim, que o social é constituído através de um sistema de significações imaginárias, e sob a demanda dos questionamentos sobre o fazer social é que a sociedade vai se constituindo, delineando comportamentos e definindo relações sociais. Para Castoriadis (1982), o imaginário se utiliza dessa rede simbólica para existir; ou seja, para passar do virtual a algo mais. O simbolismo pressupõe a capacidade imaginária – constitui-se apoiando-se nos símbolos que o precedem.

O mundo social é cada vez constituído e articulado em função de um sistema de tais significações, e essas significações existem, uma vez constituídas, na forma do que chamamos o imaginário efetivo (ou o imaginado). É só relativamente a essas significações que podemos compreender, tanto a “escolha” que cada sociedade faz de seu simbolismo, e principalmente de seu simbolismo institucional, como os fins aos quais ela subordina a “funcionalidade” (CASTORIADIS, p. 177, 1982).

O imaginário social é o que está posto, é o instituído, a reprodução de uma rede simbólica, que se acumula sobre o sujeito como marca social e histórica. Uma vez que se constata que o que vale a uma dada sociedade não vale a outras, vê-se o quão a racionalidade é uma criação social sob significações imaginárias.

Para Morin (1997, p. 230) *"O filme, ao mesmo tempo que representa, significa. Abarca o real, o irreal, o presente, o vivido, a recordação e o sonho, a um nível mental idêntico e comum."*

Com base nesse ponto de vista, o cinema é instituinte, pois oportuniza movimentos para repensar a própria sociedade instituída, apontando caminhos inventivos, criativos, poéticos e estéticos, se for visto, encarado e trabalhado como arte na escola. Assim, o cinema como imaginário instituinte propicia processos criativos e significações sociais. Para Fresquet (2013)

A crença no cinema e na sua possibilidade de intensificar as invenções de mundos, ou seja, da possibilidade que o cinema tem de tornar comum o que não nos pertence, o que está distante, as formas de vida e as formas de ocupar os espaços e habitar o tempo. A segunda crença é na escola, como espaço em que o risco dessas invenções de tempo e espaço é possível e desejável. Isto não significa pensar no belo, no conforto ou na harmonia. Significa

que é possível inventar espaços e tempos que possam perturbar uma ordem dada, do que está instituído, dos lugares de poder. (FRESQUET, 2015, p. 25)

Diante desse pressuposto, é possível propiciar à educação um espaço de criação, invenção e significações, pois o cinema visto como arte na escola e pela ótica do imaginário social pode potencializar a percepção, a relação de sentidos e significados construídos sobre o cinema pelos envolvidos no processo. Como assegura Castoriadis, a “realidade natural” não é apenas aquilo que resiste e não se deixa manejar: ela é também aquilo que se presta à transformação, o que se deixa alterar “condicionalmente” mediante, ao mesmo tempo, seus interstícios livres e sua regularidade (1982, p. 400). Assim, a inter-relação da arte cinematográfica com o imaginário social na formação de professores, possibilita possíveis mudanças no campo educacional, permeadas por imagens e sons em movimento.

Formação de professores pela tela do cinema: Um conhecimento prático a ser explorado

Com base nos referenciais teóricos expostos acima, o cinema na formação docente contribui para a ressignificação do professor e suas práticas pedagógicas, ou seja, torna-se possível pensar mudanças a partir da relação do imaginário com o cinema e formação docente.

Nesse sentido, Fresquet (2013) salienta que:

Os possíveis vínculos entre o cinema e a educação se multiplicam a cada momento, a cada nova iniciativa ou projeto que os coloca em diálogo. Fundamentalmente, trata-se de um gesto de criação que promove novas relações entre as coisas, pessoas, lugares e épocas. De fato, o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante do espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto. (FRESQUET, 2013, p. 19)

Dessa maneira, a tela do cinema ou a câmera fotográfica, configuram-se como nova janela que permeia outro lugar de conhecimento e outra forma de intercomunicação com o outro e consigo mesmo. Assim, a relação entre vida e arte cinematográfica é dada pela identificação e interpretação de experiências, preferências, sentimentos, tensões,

processos de formação e conhecimentos relativos ao cinema que emergem no processo de significações imaginárias na formação de professores.

Azevedo, por sua vez, salienta:

Faz-se importante levar em consideração o sentido das práticas instituídas, o lugar imaginário atribuído a si e ao outro e ao objeto do discurso, o sentido dos conhecimentos veiculados para o professor, bem como em que redes de sentidos se enredam esses conhecimentos. Aprender esses sentidos significa levar em conta a fala do professor, seu silêncio, seus enunciados discursivos, nos quais estão presentes seus mitos, suas crenças, suas expectativas em relação ao que é ser professor, ao que é ensinar, suas posições de sujeito no discurso (2006, p. 61).

Sob essa perspectiva, pode-se refletir que o cinema na formação de professores proporciona sistemas simbólicos de produção de sentidos às próprias práticas educativas, bem como estabelece outras formas de estar em aula, e descentraliza o papel do professor como figura central do processo de ensino e aprendizagem, pois todos se colocam no mesmo sentido de frente à tela.

Assim, potencializar a formação de professores articulados com o imaginário social e o cinema, implica conhecer os dispositivos que atuam neste processo formativo. De acordo com Ferry (2004, p. 53), a formação nos remete à ideia de ter uma forma, sendo necessário “ponerse em forma”, onde cada pessoa é responsável pela sua formação, pela mediação. Essa mediação propõe-se que seja com a linguagem cinematográfica, que pode ser considerada como dispositivos de formação, pois mobilizam, desestabilizam e põem em cheque os saberes instituídos.

No entanto, é importante salientar que, para relacionar o cinema e o imaginário social na formação de professores, devem-se levar em conta os fatores psicológicos e simbólicos que estão por detrás de quem assiste a um filme, ou seja, quando as crianças e jovens projetam-se na tela do cinema, televisão ou câmera fotográfica, diferentes reações podem surgir: de emoção, de tédio, de alegria, de envolvimento ou afastamento, e, até mesmo, de repulsa. Entretanto, essas primeiras experiências serão os primeiros passos para a atividade do cinema na educação, além de muitas outras que poderão ser proporcionadas, se for oferecido espaço e tempo para criação, projeção e experimentação.

É importante considerar o aspecto ativo, comum ao contexto educacional, o que exigirá dos professores atenção e conexão com seus alunos bem como todo o sistema escolar em que está inserido.

Pensar na relação do cinema como provocador na relação professor, aluno e conhecimento, significa pensar conjuntamente esses elementos e não fragmentá-los, já que as características pessoais reveladas pelo sujeito, através de suas ações convencionam-se como marca registrada, construindo sua identidade.

O Cinema e as produções audiovisuais no cenário das ocupações

O cinema potencializa a formação de professores, tanto pela exibição de filmes, quanto pelo processo de criação audiovisual. A aprendizagem da linguagem audiovisual traz para o currículo da formação inicial, outros desafios, produtores de outras possibilidades educativas. Compartilhamos com Migliorin (2015) quando destaca que

O cinema na escola é bastante aceitável quando ele chega na forma de exibição de filmes e debates em torno de conteúdos presentes nos filmes, mas e se levarmos a sério a possibilidade do cinema pensar o mundo e consequentemente a escola? Que implicações e invenções nos trazem essa ousadia? (MIGLIORIN, 2015, p.10)

Movidas por esse objetivo organizamos no espaço do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria, na disciplina de Sociologia da Educação com ênfase nos estudos e discussões sobre o cotidiano, seja ele no espaço da cidade ou da escola, organizamos um projeto de oficinas que pudessem provocar um saber sensível e a imaginação criadora.

Exercícios de observação, ampliando o olhar, foram experimentados, a partir da produção de minutos lumière, passando a discussão da linguagem de produção e criação. A linguagem do cinema e da produção audiovisual foi sendo apresentada como uma nova aprendizagem na formação de professores. Ainda com Migliorin (2015, p. 10)

Entender a rua, o bairro, o vizinho, a cidade com o cinema é entrar em uma relação com o outro e, simultaneamente, em uma atividade crítica e criativa – do plano, do quadro, da luz, do ritmo. Em outras palavras, aproximar os estudantes do que o mundo tem a nos dar e, simultaneamente, permitir que eles criem e inventem com esse mundo.

Esse o foi o desafio lançado, que o exercício de produção fosse pelo caminho da escolha de um bairro da cidade, onde o movimento de contato com as pessoas pudessem ser do bairro à escola ou o inverso. A assistência de documentários, já produzidos sobre

memórias da cidade, pela TV OVO, como um espaço de produção audiovisual comunitária em Santa Maria que retrata a memória da cidade e dos distritos e outras produções, realizadas pelos alunos que estavam ocupando as escolas estaduais, no movimento das OCUPAÇÕES, mobilizou a turma nas suas criações.

Abrimos espaço para uma breve análise que nos mobilizou a intitular esse trabalho "Isto aqui vai virar Brasil...", numa homenagem a bela produção de Carlos Pronzato, cineasta, documentarista, diretor teatral e escritor, intitulada "Acabou a Paz! Isto aqui vai virar o Chile! Escolas Ocupadas em São Paulo". Essa produção foi assistida pela turma, que também debateu o conteúdo do documentário. É preciso contextualizar, como registro histórico, que as ocupações nas escolas estaduais do Rio Grande do Sul, foram inspiradas no movimento das ocupações das escolas em São Paulo que, iniciaram questionando uma decisão do governo do estado, de fechamento de noventa e duas escolas da rede.

Observar o movimento das ocupações das escolas estaduais de Santa Maria, documentada pelos próprios estudantes das ocupações, gerou, num primeiro momento, um debate sobre o que os alunos (as) reivindicavam e, o que a mídia oficial mostrava sobre esses movimentos. Puderam ver, que documentar por dentro o movimento através da voz e do olhar dos estudantes que ocupavam suas escolas, que o que a mídia oficial mostrava, era, na verdade outra versão, com a tentativa de desqualificar um movimento que foi considerado de grandes aprendizagens, para todos os que dele participaram ativamente ou, ainda, como assistentes.

As vivências e aprendizagens, relatadas pelos estudantes nos documentários produzidos para a disciplina de Sociologia, no estudo do cotidiano, diz desde as concepções de poder horizontal que os novos movimentos sociais têm instituído como, uma outra maneira de organização, até mesmo a concepção de que esta, não necessita da intervenção da mídia oficial, nem partido político e nem mesmo um sindicato. As aprendizagens são de um currículo que tem sido ausente nos nossos espaços educacionais, que trazem a partir das discussões da diversidade às questões de conjuntura do país, a do convívio com a diferença e o respeito pela alteridade.

Aprender a "gramática" cinematográfica e, desaprender uma série de conceitos e concepções, provocados por outras imagens, depoimentos, repertórios ainda não conhecidos é, segundo Migliorin (2015, p. 28), levar o cinema para a escola *"não como texto ou como tema, mas como ato e criação. Não se trata de colocar o cinema na sala de aula porque ele pode dizer melhor o que já sabemos, mas porque ele tem uma forma sensível singular."*

Ainda sobre os processos de aprender, desaprender e re-aprender compartilhamos com Fresquet (2007, p. 47) quando aponta

O processo bidirecional de transmissão e produção cultural levamos a pensar na interfunção do ensinar e do aprender, desde essa tripla possibilidade. A cada dia aprendemos coisas novas. Em geral, as aprendizagens variam em intensidade afetiva, importância, valorização social, transcendência. Aprendemos com os outros, em experiências sociais, fundamentalmente naquelas mais intensas afetivamente. Por isso nos é tão difícil distinguir no ato de aprender os valores dos pré-conceitos e inclusive desvinculá-los das pessoas das quais os aprendemos. Porém, é necessário e não menos importante desaprender conceitos, significados, atitudes, valores historicamente apropriados, às vezes nem totalmente conscientes.

Incorporar a linguagem cinematográfica na formação de professores é produzir encontros que possibilitem esses processos, na tentativa de desnaturalizar construções que vão se tornando familiares e, portanto, difíceis de serem problematizadas para que outras possam ser aprendidas ou (re)aprendidas.

Olhar a escola pela tela do cinema na voz dos seus atores principais, os estudantes, abriu janelas para os (as) estudantes do curso de Pedagogia diurno, organizarem seus projetos para acompanhar o cotidiano de alguns territórios e espaços da cidade, desconhecidos por muitos deles (as). Entrar nos espaços, que serão futuramente, os lugares habitados por estes (as) estudantes em formação inicial, é uma inserção necessária, desde os primeiros anos do curso, para que, possam ir nos estranhamentos e afastamentos do lugar de alunos que foram, destas escolas, para o lugar de professor (a) que terão que construir.

Aprender a observar o bairro e por dentro dele, ir chegando até as pessoas com histórias para contar, chegando até a escola, foi um exercício de criação onde a aprendizagem audiovisual desassossega, num primeiro momento. Desconforto por produzir a partir de muito desafios que são de todas as ordens. Produzir sem conhecer o bairro, criar um roteiro, sem conhecer o que é necessário para que o produto audiovisual possa trazer imagens e depoimentos que traduzam um cotidiano, no caso das ocupações nas escolas, modificado e tenso.

Trabalhar com as imagens, tanto na assistência, quanto na captação das mesmas, merece por parte da formação de professores, uma atenção especial, na perspectiva de uma formação ética, estética e política. Nossos estudantes estão imersos no mundo das imagens, compreendidas no seu amplo sentido. Compartilhamos com Migliorin (2015)

Tal promiscuidade de imagens, em meio a tantas demandas de espectadores, não significa dizer, simplesmente, que o cinema se confunde com todas essas imagens ou com todas as outras artes. Tentando então começar a responder a pergunta do porquê do esforço em ter o cinema na escola, poderíamos dizer que estamos mais interessados na intensidade do cinema do que nas diferenças de natureza em relação às outras artes. Essa intensidade passa necessariamente por uma qualificação do que é a imagem cinematográfica e do que significa fazer uma imagem. (MIGLIORIN, 2015, p. 34)

O exercício de captação, a experimentação de produzir um olhar sensível com a imagem teve, na preocupação de oficinas organizadas, também o desafio de aprendizagem de que *“As imagens são fruto de um encontro entre uma máquina, um sujeito – ou vários – e algo que está no mundo.”* (MIGLIORIN, 2015, P,35)

Esse exercício é de sensibilização e de produção de um olhar que é político, ético e estético. Por isso, a potência do trabalho com a imagem, tanto no processo de criação, produção, quanto o da assistência de filmes, ampliando os repertórios trazidos pelos (as) estudantes.

A escolha por documentar o cotidiano de algumas escolas e bairros com movimentos das ocupações e, do novo movimento produzido pelos (as) estudantes no espaço da universidade nos lança *“no campo necessariamente político e estético da experiência do cinema, uma vez que a imagem é o mundo e uma opção de mundo, simultaneamente. O cinema é transformação contínua do que há.”* (MIGLIORIN, 2015, p.35)

Mas assim como, a linguagem do cinema entra pelas portas da escola, ou pelas janelas, provocando tempos e organizações curriculares disciplinares, provocando outros exercícios mais complexos e transdisciplinares, no espaço da formação inicial, na universidade, não é diferente. Acolher na organização de uma disciplina a experiência e a aprendizagem com a linguagem do cinema e da produção audiovisual é, também, invadir um pouco o espaço das outras disciplinas. Aqui, também reside um potencial transformador para a formação de professores.

Ao organizar a disciplina de Sociologia, voltada às questões do cotidiano e da observação iniciamos

pela busca e curiosidade, nos movimentamos a partir de algo que nos inquieta, incomoda, faz-nos levantar da sombra confortável das grandes árvores e correr atrás dos tantos coelhos brancos que passam e afetam. A busca é um desejo interno, um movimento

único e, ao mesmo tempo, provocador de interferências no meio, pois, a mobilização de um, sempre envolverá o outro, eis a importância das relações. (OLIVEIRA e SILVA, 2016, p. 50)

Avançamos convidando outros colegas, num exercício interdisciplinar, dos poucos que temos tido, no currículo do curso de Pedagogia, que se configura na PED (Práticas Educativas). Tempo semanal onde os professores e as disciplinas se encontram, ou pelo menos, deveriam se encontrar como um processo de desaprendizagem e reaprendizagem de outras formas de trabalhar na formação de professores.

Na produção de documentários sobre bairros e escolas, os professores de outras disciplinas foram convidados a também provocar as (os) estudantes a olharem questões referentes as seus componentes curriculares. Com a entrada da linguagem audiovisual no semestre, invadimos um o espaço do outro e, as aprendizagens são múltiplas e bem mais ricas. A complexidade das situações e a multireferencialidade necessária para discutir tais questões que envolvem preparar um professor para atuar em todos os desafios da realidade cotidiana, no âmbito da cidade e na instituição.

O que é propriamente fundamental à perspectiva multireferencial é justamente a hipótese de que a instituição, a organização ou o grupo não pode se nomear, se descrever e muito menos se analisar a partir de uma única linguagem de referência. (ARDOINO, 1998, p. 48)

Esse exercício demanda implicação dos colegas das diferentes disciplinas, o que, sem o desejo dessa aprendizagem, que é produzir a interdisciplinaridade, objetivo do próprio componente curricular, produz maior esforço de tempo e de trabalho, num espaço que é a disciplina que se propõe trazer esse projeto, essa outra linguagem – a do cinema e da produção audiovisual. Registramos aqui, que a linguagem audiovisual não é tomada por nós como uma ferramenta. Ela entra, pela porta da frente como arte na formação de professores e, como diz Fresquet (2007), quando fala do cinema como produção de afetos e simbolização do desejo

Este talvez seja um dos modos mais interessantes de pensar o cinema. A produção de afetos gera-se, quase espontaneamente, ao assistir a alguns filmes. Acontece o que se denomina “experiência estética”. Atualmente,, assistimos à imposição de ideais estéticos padronizados,, globalizados, uniformes. (...) As emoções e os sentimentos que se sacodem frente a tela grande

transcendem o momento presente. Levam-nos de passeio a nosso próprio passado e, às vezes, perduram, fazendo-nos pensar, sentir e pré-sentir o futuro. (FRESQUET, 2007, p. 45)

As imagens produzidas nas ocupações, tanto por aqueles que viveram intensamente o movimento, quanto por aqueles que documentaram com o intuito de acompanhar e registrar um cotidiano intenso de debates sobre que país queremos, que escola desejamos, o que temos recebido das políticas de estado e de governo com relação à educação e o próprio descaso com o que é público, foi nesse espaço de aprendizagem e produção audiovisual, um desafio. Um desafio acolhido por gerações que estão imersas num mundo de imagens e, precisam de interlocutores qualificados para um trabalho potente com esse universo.

É preciso ter coragem para ousar defender os movimentos instituintes na academia. É sabido que na história, a noção de imaginário foi ignorada, muitas vezes, maltratada, o sensível na academia foi motivo de desprezo, rotulado de perfumaria e, os que se aventuraram em devaneios vistos como loucos da casa. E também que é normal nos depararmos com Gatos Careteiros, Duquesas e Rainhas de Copas, porém os motivos pelos devaneios, tais fatores tornam-se pouco relevantes frente a alegria estética de poetizar na academia. (OLIVEIRA e SILVA, 2016, p. 55)

Considerações para finalizar

O potencial do cinema na escola se inscreve na formação de professores como uma arte que não permite visualizar os limites e nem mesmo que consigamos prever tudo. É uma linguagem que aciona a imaginação, seja na implicação daquele que assiste, que é mobilizado pela imagem e tudo o que nela está contido, como, no exercício imaginativo da criação. A produção audiovisual na formação inicial de professores é, ainda aprendizagem do trabalho em equipe. Da aprendizagem grupal e da divisão de tarefas. É o exercício da pesquisa, da observação e da escuta, que foram, por exemplo, mobilizados no espaço de uma disciplina no curso de Pedagogia, no espaço da universidade. O cinema e o audiovisual na universidade proporciona a ampliação do conceito de formação, ampliando-o como formação ética-estética e política.

Nas escolas ocupadas, além do registro como uma reconstrução e divulgação das ações e movimentos vividos pelos estudantes, configurando-se como uma mídia alternativa, constitui-se também, em aprendizagem na exibição de documentários e no debate, como na criação audiovisual. Uma linguagem que a escola não tem prestado muito a

atenção e, que, por ocasião da lei 13006 2014, que obriga a exibição de duas horas mensais de filmes nacionais nas escolas, pode viabilizar o encontro entre estudantes e gestores. Encontros reivindicados pelos estudantes das ocupações, para discutir temas significativos em suas vidas e que, a educação tem intitulado de temas transversais, pouco considerados e, muito menos, tematizados pelas ações desenvolvidas nas escolas. O que aprendemos com as imagens das ocupações? Talvez, ainda não tenhamos o distanciamento temporal para avaliar o que vimos e vivemos. Mas é certo que as escolas ocupadas estão trazendo novas formas de manifestação, de outras relações de poder, de outras formas políticas e de produção de movimentos sociais. Outras formas que possam provocar mais professores, que assistiram assustados, a resistência e o envolvimento de alguns estudantes, rotulados como incapazes ou pouco produtivos na lógica atual da escola. As ocupações documentadas têm muito a nos ensinar de processos democráticos. Que ainda estamos aprendendo nesse país. Isso aqui, pode estar virando Brasil.

Referências

- ARDOINO, Jacques. *Abordagem Multireferencial* (Plural) das Situações Educativas e Formativas. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (coord.) *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: EdUFSCar, 1998.
- BERGALA, A. *La hipótesis del cine: Pequeño tratado sobre la transmisión del cine en la escuela y fuera de ella*. Barcelona: Cahiers du Cinéma, 2007.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária na Sociedade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____. *Figuras do Pensável: as encruzilhadas do labirinto*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- FERRY, Gilles. *Pedagogía de la formación*. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2004.
- FRESQUET, Adriana. *Cinema para Aprender e Desaprender*. In: FRESQUET, Adriana. (org.) *Imagens do Desaprender. Uma experiência de aprender com o cinema*. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2007.
- FRESQUET, Adriana. *Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- FRESQUET, Adriana. *Cinema e experiência: um possível encontro com a nossa infância (e juventude)*. In: *Imagens do desaprender*. Rio de Janeiro: Booklink: 2007.
- _____. *Dossiê cinema e educação: uma relação sob a hipótese da alteridade*. In: FRESQUET, Adriana (org). *Dossiê cinema e educação #2*. Rio de Janeiro, Booklink, 2011.

_____. *Aprender com experiências*. Desaprender com imagens da educação. Rio de Janeiro, Booklink, 2009.

MIGLIORIN, Cezar. *Inevitavelmente cinema*. Educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Beco do Azougue., 2015.

MORIN, Edgar. *Epistemologia da complexidade*. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre. Artes Médicas. 1996

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2001.

_____. *O cinema ou o homem imaginário*. Relógio D'Água Editores, 1997.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de, SILVA, Monique da. *Em defesa da leveza, do sensível e da sensibilidade na pesquisa em educação*. In: FEITOSA, Débora et. al. (orgs.) O Sensível e a Sensibilidade na Pesquisa em Educação. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2016.

PRONZATO, Carlos. *Acabou a Paz! Isso aqui vai virar o Chile! Escolas Ocupadas em São Paulo*.

ⁱ Professora Titular do Departamento de Fundamentos da Educação do Centro de Educação da UFSM-Programa de Pós-Graduação em Educação. Pesquisa o campo do imaginário social com o foco nas narrativas de vida de professores. Integra a Rede Latino-americana de Cinema e Audiovisual - KINO.

Enviado em: 06 de junho de 2017.

Aprovado em: 13 de julho de 2017.